

Após estas ligeiras notas etnográficas direi que entre os muitos calhaus rolados do terraço encontrei o peso de rede que vai desenhado na Fig. 1. Foi lascado nos dois topos de um calhau rolado amigdalóide, de xisto metamórfico.

As fracturas do lascado estão muito bem patinadas, o que lhe confere um certo grau de ansianidade.

A designação de *Chão dos Palheirinhos*, parece vir de longa data, mesmo muito remota, em que ali habitaria escassa população local, que moraria em palheirinhos, ou seja pequenas casas cobertas de palha.

Há quem queira supor que o *Chão dos Palheirinhos* teria sido a remota antecessora da actual povoação da Quinta de S. Pedro. Simples hipótese que é difícil considerar plausível.

Seja ou não local de povoado antecessor do actual S. Pedro, não quis deixar de registar o aparecimento dum peso de rede muito bem patinado, num tão alto terraço da margem esquerda do Rio Sabor.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
31 de Janeiro de 1977

SANTOS JÚNIOR

Árula romana a Júpiter Conservador, aparecida em Lagoaça, Freixo de Espada-à-Cinta

É um minúsculo e gracioso altar de granito de reduzidas dimensões, apenas 24 cm de altura, por 12 cm de largura e 75 mm de grossura.

Segundo informa o Senhor Prof. Doutor J. R. dos Santos Júnior, querido amigo e companheiro de lides etnográficas por estas terras do Nordeste, desde há muitos anos, foi encontrada pelo Sr. Luís Carpinteiro da freguesia de Lagoaça, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, já 25 ou 30 anos, quando procedia ao saibramento de uma vinha, a cerca de 800 metros

daquela povoação, para Poente, ao lado da Estrada nacional Fornos - Mogadouro e a menos de 200 metros a Sul da Estação do Caminho-de-Ferro, também de Lagoaça, em sítio do termo que dá pelo nome de Vale Travesso.

O dito Sr. Luís Carpinteiro ofereceu-a ao Sr. Professor Santos Júnior que, por sua vez, em 9 de Dezembro de 1976 a ofereceu e depositou pessoalmente com mais 44 peças arqueológicas no Museu do Abade de Baçal, em Bragança, para onde as fez transportar em camionete.

A sua pequena dimensão impressiona, à primeira vista, se pensarmos em um altar dedicado ao deus máximo dos Romanos, e principalmente o seu aspecto rústico, aliviado por um ligeiro rebordo na parte superior e a expressão do pequeno *fóculus* cavado no topo superior, com apenas 18 milímetros de profundidade e 30 milímetros de abertura máxima.

A leitura da inscrição votiva parece não oferecer dificuldades, nem sequer dúvidas, pois as letras são claramente incisas e ligeis, leitura que eu interpreto como a seguir exponho.

I O V I

O. M C.

O. R. C.

L. L. P.,

IOVI O.(ptimo) M.(aximo) C.(onservatori)

O.(mnes) C.(ives) R.(omani)

L.L.(ibentissime) P.(osuerunt) O que, traduzido para português significará o seguinte: *A Júpiter Optimo Maximo Conservador todos os cidadãos romanos de muito bom grado puseram (este altar).*

Na primeira linha, temos a palavra única I O V I, dativo de JÚPITER, o deus supremo dos romanos, cujo culto nos parece ter sido trazido para toda esta zona de Entre Douro e Sabor por soldados romanos.

Na segunda, três letras seguidas de pontos o que indica que faltam outras letras para completar as palavras O.(ptimo) M.(aximo) C.(onservatori).

Este epíteto *Conservador*, quer dizer «conservador ou protector dos homens» (1). Com este mesmo epíteto *Conservador* já tinha aparecido há muitos anos outra ara, nesta região, perto

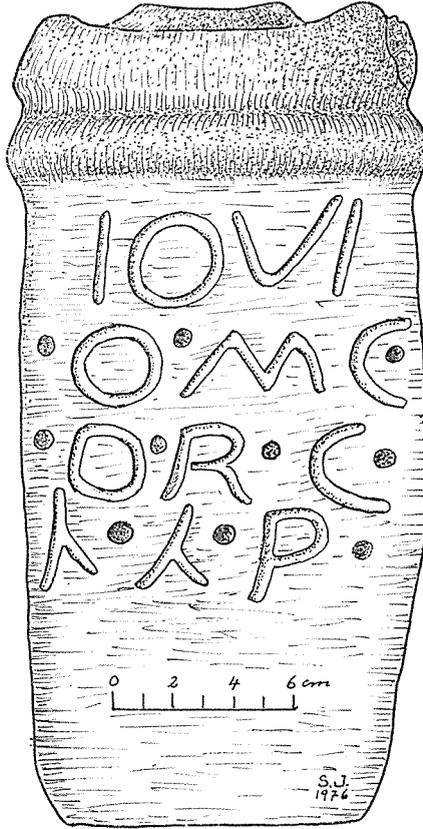


Fig. 1

de Carviçais, a pouco mais ou menos 10 quilómetros de distância, num local chamado Martim Tirado (2).

(1) J. Leite de Vasconcelos, «Religiões da Lusitânia», III, 225.

(2) Op. cit., e Abade de Baçal, «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança», Vol. IX, 147.

Na terceira linha, são também três maiúsculas separadas igualmente por pontos O. R. C. cuja interpretação mais viável nos parece ser esta: O.(mnes) C.(ives) R.(omani). Estes «*Cives Romani Omnes*»: todos os cidadãos romanos seriam soldados

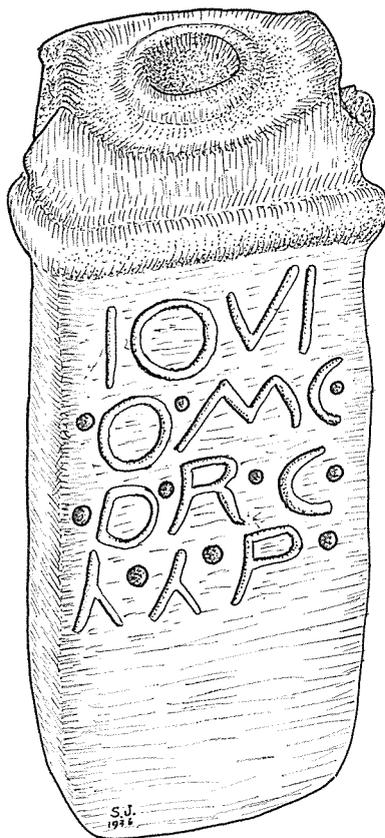


Fig. 2

ou colonos vindos de Roma ou de Itália e como tais se consideravam *cives romani*, cidadãos romanos, adoradores de Júpiter, o deus supremo dos romanos, cujo culto foi levado a todo o Império pelas legiões em primeiro lugar, e em alguns pontos tomou o nome do deus supremo da região, como o *Dolicheno* da Síria Comagena; nas Astúrias, o *Júpiter Candâmius*, o

Júpiter Solutórius, é também, segundo Leite de Vasconcelos, uma invocação só da Lusitânia Espanhola (op. cit. 226); *Júpiter Depulsor*, de que apareceram até a data duas lápides somente, uma em Braga (Dume) e outra no concelho de Mogadouro, em Saldanha, são também invocações só da Península Ibérica. E tanto *Depulsor* como *Solutorius*, são, no dizer do mesmo Leite de Vasconcelos (op. cit., 226) significativos do que «livra dos males», em ocasião de desgraças.

Estes «*Omnes Cives Romani*» seriam soldados componentes de alguma legião ou Coorte que por este planalto das faldas das serras de Reboredo e de Mogadouro estiveram acampados, entre as quais, as Legiões VII e X, e a Cohors IV Galorum, andaram por estas paragens ⁽¹⁾.

As letras da 4.^a linha que são três, cada uma com seu ponto à frente «L. L. P.», lembram-nos os tipos de LL arcaicos da escritura de Pompeia segundo Cagnat, e também de alguma monumental romana segundo Battle e o P também cursivo de Alburno, que nós interpretamos: «L.L.(*ibentissime*) P.(*osuerunt*): de muito bom grado puseram (este altar) ⁽²⁾.

Geograficamente, falando do culto a Júpiter pela documentação epigráfica, até hoje aparecida nesta região de Entre Douro e Sabor e circunvizinhas, são deste distrito de Bragança 10 lápides, sendo 5 dedicadas a *Júpiter Optimo Máximo*, 2 a *Júpiter Conservador* e 1 a *Júpiter Depulsor*.

Estas apareceram assim distribuídas: a *Júpiter Optimo Máximo* 1, é de Moncorvo, julgo que do Castro de perto da Junqueira; 1 da Carrazeda de Anciães, em Riba Longa; 1 em Babe, perto de Bragança; 1 em Travanca de Vinhais; 1 em Vale Telhas, Mirandela. Em Chaves e Vila Real, temos mais 3;

(1) A. Schulten, *Los Cántabros y Astures y su Guerra con Roma*, Col. Austral, Madrid, 1967, págs. 126, 215, 218); Revista da Faculdade de Letras do Porto, Série de História, Vol. III, 1973, 1-9; Coronel Mário Cardoso, *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento*, Guimarães, 1947, págs. 225-227.

(2) José Manuel Roldan Hervás, *Repertório de Epigrafia y Numismática*, Seminário de Prehistória y Arqueologia, Universidad de Salamanca, 1969, 9-10.

1 em Vilarelho de Três Minas; 1 em Vilar de Maçada; e mais 1 em Monção de Vila Real ⁽¹⁾. Na zona asturiana, ao Norte da terra de Miranda e de Aliste, apareceram 4 ⁽²⁾. Do lado Sul do Douro Internacional, na vizinha Salamanca, apareceram 3 ⁽³⁾.

Todos os deuses do Panteón romano receberam culto na Península Ibérica. Porém o deus mais venerado foi Júpiter, logo seguido de Diana.

Pelo número de inscrições já aparecidas nesta zona do Nordeste Português, verificamos que é uma das mais densas em documentos dedicados a Júpiter. Frequência de muitos soldados nesta região?... abundância de mercadorias? de funcionários administrativos vindos de Roma? — Numa região onde não havia comércio, nem grandes zonas agricultáveis, por falta de água no verão, nem grandes explorações mineiras, a não ser a exploração do ferro junto do Felgar, onde Leite de Vasconcelos deu conta de vária economia epigráfica, juntamente com o falecido Abade Tavares, só nos parece mais provável a abundância de soldados das legiões, de passagem de Astorga para o Sul, Lancóbrica, Emínio e Egitânia. E, dada a grande frequência de castros em toda a zona do Noroeste Peninsular, em que nesta parte do Douro e Sabor estão encravados, os ditos castros estão romanizados muitos e outros sem sinais de qualquer pègada de romanos. Por outro lado, notamos que a maior parte destas inscrições surgiram fora dos castros pré-romanos, em zonas normais de fácil exploração agro-pecuária, o que nos parece bastante sinal, indício de confraternização populacional gentílico-romana, porque os castros sem sinais de romanização são em número bastante reduzido.

Não adiantamos qualquer opinião cronológica sobre a provável data desta árula de Lagoaça. O tipo cursivo da letra

(1) J. Leite de Vasconcelos. Op. cit., 222.

(2) Francisco Diego Santos, *Epigrafia Romana de Astúrias*, Oviedo, 1959, págs. 23, 25, 27, 28.

(3) Juan Maluquer de Motes, *Carta Arqueológica de Salamanca*, Salamanca, 1956; 133, 142. Na lista de inscrições latinas daquela província, o autor aponta-nos apenas dois nomes de Júpiter, um *Optimo Máximo* e outro simplesmente *IOVI (a Júpiter)*.

parece indicarnos I ou II século, mas é preciso fazer-se um estudo de conjunto mais pormenorizado pois cada sítio pode ter o seu problema e com certeza a sua época, por isso, nos ficamos no campo da mera hipótese.



Fig. 3 — Árula a Júpiter, de Lagoaça, face anterior. Esta fotografia enviada pela Senhora Directora do Museu de Bragança onde a árula se encontra em depósito.

Aproveito esta oportunidade para registar aqui, a título de notícia inédita e ainda incompleta de um caso interessantíssimo de romanidade, na terra de Miranda. Acaba de aparecer nos últimos dias de Abril, longe de qualquer localidade castreja, em um campo raso um autêntico depósito de lápides luso-romanas sepulcrais, todas de mármore azul e branco e todas de tipo discóide com símbolos astrais suásticos, menos uma de que só apareceu ainda parte da cabeceira

fracturada na ocasião, e de que a outra parte ainda jaz sepultada no local com mais outras pedras da mesma natureza.

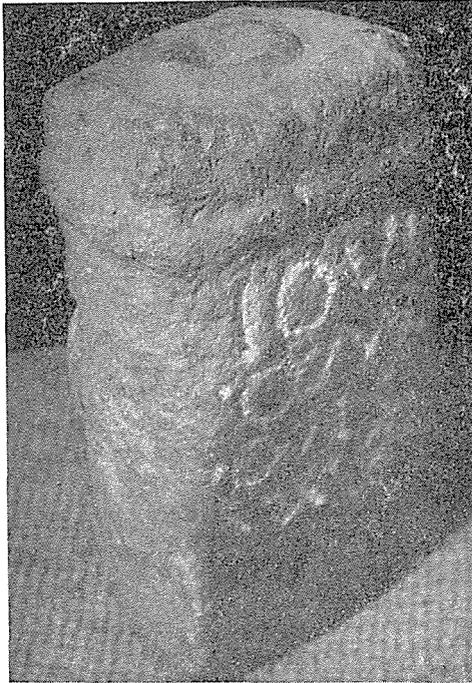


Fig. 4 — Árula a Júpiter, de Lagoaça. Fotografia a mostrar o topo superior com fóculus.

Um tractor, quando lavrava a terra com relhas fundas, pôs a descoberto, logo à primeira vez nada menos de três estelas, sendo uma anepígrafa, outra com inscrição fracturada e outra tipo discóide encimada por símbolo astral suástico de doze raios e com a inscrição que se lê à primeira vista:

M A R C O

L I C I N

F A N X L, o O último da primeira linha tem ponto no centro.

Passado um dia, o dono da propriedade, com alavancas de ferro, ele e a família, voltaram ao local e arrancaram mais

quatro lápides, tendo fracturado algumas quando as arrancavam. Todas elas estavam numa fossa com menos de dois metros quadrados de superfície. Haviam feito com lápides funerárias romanas, a base, os lados e a cobertura de um sepulcro. Ainda no mesmo local as alavancas tocam mais pedras, entre as quais ainda se encontram as partes dos fragmentos já saídos e o respectivo proprietário já foi avisado para não tornar ao local, sem que seja acompanhado de pessoa competente para orientar as escavações e poder-se fazer uma observação concreta sobre o assunto.

Dê qualquer maneira, é um achado de estelas funerárias não frequente, pois já saíram sete e ainda lá estão mais. Não há dúvida que certos locais da terra de Miranda foram intensamente romanizados. Duas Igrejas foi um deles.

Duas Igrejas, 30 de Abril de 1977.

ANTÓNIO MOURINHO
da Sociedade Portuguesa de Antropologia

O queijato das barbas de Quintã (Campeã-Marão)

O *queijato*, corrupção de cajato ou cajado, é um bordão, pau de carvalho com moca do raizeiro no topo inferior, que, como veremos, é símbolo de autoridade na fiscalização do perímetro florestal comunitário da pequenina aldeia de Quintã. É chamado *das barbas*, por ter, tanto em baixo como em cima, tufos de crinas de cavalo postos em cruz (Figs 1 e 2).

A Quintã é uma pequenina aldeia, actualmente com quarenta fogos, agasalhada pelas sombras do soberbo Marão.

Alcançou a independência como paróquia civil e religiosa há dois séculos. Para isso, reza a tradição que, nesses tempos, se deslocou a Roma um ascendente meu, Damázio Martins Barreiro, cujo nome se encontra gravado, para eterna memória, na base da cruz que está plantada no adro da igreja, junto da porta principal. Foi a pé, e diz-se que levou um ano a ir e vir.